

MANUEL BANDEIRA

**EU VI UMA ROSA**

*Lira dos cinquent'anos, 1940*

Eu vi uma rosa  
– Uma rosa branca –  
Sozinha no galho.  
No galho? Sozinha  
No jardim, na rua.

Sozinha no mundo.

Em torno, no entanto,  
Ao sol de meio-dia,  
Toda a natureza  
Em toda formas e cores  
E sons esplendia.

Tudo isso era excesso.

A graça essencial,  
Mistério inefável  
– Sobrenatural –  
Da vida e do mundo,  
Estava ali na rosa  
Sozinha no galho.

Sozinha no tempo.

Tão pura e modesta,  
Tão perto do chão,  
Tão longe da glória  
Da mística altura.  
Dir-se-ia que ouvisse  
Do arcanjo invisível  
As palavras santas  
De outra Anunciação

**CARTAS DE MEU AVÔ**

*A cinza das horas, 1917*

A tarde cai, por demais  
Erma, úmida e silente...  
A chuva, em gotas glaciais,  
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou  
Lendo, sossegado e só,  
As cartas que meu avô  
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorrio  
Do fervor desses carinhos:  
É que os conheci velhinhos,  
Quando o fogo era já frio.

Cartas de antes do noivado...  
Cartas de amor que começa,  
Inquieto, maravilhado,  
E sem saber o que peça.

Temendo a cada momento  
Ofendê-la, desgostá-la,  
Quer ler em seu pensamento  
E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia  
Contando o seu grande bem.  
Mas, como o dele, batia  
Dela o coração também.

A paixão, medrosa dantes,  
Cresceu, dominou-o todo.  
E as confissões hesitantes  
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...  
A dor... a visão da morte...  
Mas, calmado o vento, o lume  
Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado,  
Esse amor, avô do meu...  
Do meu, — fruto sem cuidado  
Que ainda verde apodreceu.

O meu semblante está enxuto.  
Mas a alma, em gotas mansas,  
Chora abismada no luto  
Das minhas desesperanças...

E a noite vem, por demais  
Erma, úmida e silente...  
A chuva em pingos glaciais,  
Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou  
Lendo, sossegado e só,  
As cartas que meu avô  
Escrevia a minha avó.